REVISTA SENTIDOS DA CULTURA

Semovências e Permanências: um breve relato sobre o cotidiano da pesquisa sensível no Núcleo CUMA

Naira Kamekran
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

Roberta Isabelle Bonfim Pantoja
Universidade do Estado do Pará-UEPA
Belém-PA

A flâmula bege com retalhos costurados formando a sigla "CUMA", na vertical, estampa uma porta de madeira que sinaliza um convite a quem quer que passe no corredor do bloco IV do CCSE-UEPA. Foi esse convite que direcionou meus olhos àquela entrada, por muitas vezes, a caminho do Restaurante Universitário, antes que eu pudesse descobrir o mundo de experiências escondidas por trás daquela flâmula.

No fim do primeiro semestre do Curso de Letras Língua Portuguesa, em 2024, eu e alguns colegas passávamos em frente àquela porta após o último dia de aula, quando o nosso olhar curioso para a sala do CUMA foi percebido por um dos integrantes do Núcleo, que nos convidou a entrar e conhecer o espaço físico/simbólico de um grupo cujas relações e atuações se estendem para além das paredes daquela sala. Nós escutamos breves explicações sobre o funcionamento do grupo da graduação e fomos incentivados a retornar para uma conversa com a professora coordenadora do Núcleo no âmbito dos pesquisadores da graduação e figura central nessa mediação-convivência: Dia Favacho.

A conversa tímida, minha e de meu amigo Fagner Fiel com a Profa. Dra. Dia Favacho, que aconteceu semanas depois, foi uma expressão do momento embrionário em que eu me encontrava no curso de Letras e na Universidade, marcado por muitos questionamentos sobre o interesse pelo curso, a área de maior identificação dentro da pesquisa, e o papel de um estudante universitário na produção de conhecimento na graduação. Todas essas eram interrogações que me "encabulavam" e aumentavam a

desconfiança sobre que caminho percorrer na UEPA; interrogações guiadas por uma questão central: o que significa fazer parte de um grupo de pesquisa?

Ninguém nunca precisou responder a essa pergunta com palavras, pois a solução desse questionamento foi sendo construída no cotidiano dos encontros, nas conversas, nos projetos partilhados, à medida que fui me constituindo estudiosa das culturas e memórias amazônicas. Eu e Fagner começamos nossa trajetória no Núcleo dois meses e meio antes do Seminário Anual do CUMA, bem no momento em que os graduandos iniciavam seus processos de produção de pesquisa, após os meses de estudos bibliográficos, e precisávamos nos incluir nessa dinâmica. No entanto, a confiança depositada em nós dois, recém-chegados, resultou na percepção de que esse era um desafio que sempre esteve ao nosso alcance, ao qual me entreguei com apreensão e entusiasmo.

A palavra do nome "Culturas e Memórias Amazônicas" que mais me chamava atenção era "Memória", já que eu passava por um período de reconexão com as narrativas que constituem a história de minha família; uma família indígena territorializada na cidade. Porém, ainda não havia encontrado um espaço ou um direcionamento teórico que possibilitasse associar as atividades das minhas responsabilidades étnicas e militância indígena às minhas pesquisas. Foi a partir da escolha de uma temática para a pesquisa que iríamos iniciar que surgiu a ideia de relacionar os estudos sobre memória, cultura e oralidade ao processo de retomada da identidade Kamekran, em curso, na minha família.

Tudo não passava de uma ideia bastante nebulosa sobre essa relação teórica, até o momento em que tive a primeira orientação com a Professora Dia. Minha ideia e do Fagner foi muito bem recepcionada pela professora, que compreendeu o valor afetivo do trabalho que pretendíamos iniciar, apontando caminhos possíveis para nossa escrita e as lacunas que poderiam nos trazer respostas. Fiquei surpresa com a credibilidade com a qual nossas percepções foram tratadas, já que, mesmo com a disparidade de experiências na trajetória acadêmica e de vida, não houve hierarquia que pudesse se impor como obstáculo para o fluxo de trocas de saberes que naquele momento se realizava; antes de sermos encarados a partir da categoria acadêmica em que nos encontrávamos (graduandos), fomos vistos como pessoas inseridas em um processo de formação e autodescobrimento enquanto pesquisadores. Como estudantes de Licenciatura, é possível destacar que essa postura sensível e humana nos ofereceu e oferece, pela convivência, valiosos aprendizados que outros campos da formação docente na Universidade não contemplariam.

Desse modo, toda essa experiência foi o acolhimento necessário para que me integrasse mais à Universidade enquanto espaço de produção de conhecimento e para que eu entendesse que as temáticas de estudo que me interessavam (os mecanismos de condução da memória, das culturas indígenas/amazônicas, das identidades, etc.) tinham lugar no ambiente acadêmico, ainda que o grupo fosse multidisciplinar, além do tratamento dado a essas temáticas e do modo como eu poderia ser tratada enquanto mobilizadora delas.

Outro aspecto essencial sobre aquele grupo ao qual gradativamente me identificava, era a centralidade dos encontros presenciais. A professora Dia sempre fazia questão de assegurar nossa presença em corpo e voz para tomar as decisões que cabiam ao grupo, assim como para partilhar as notícias e planejar os passos seguintes. Mesmo quando tarefas importantes deveriam ser acertadas com certa urgência, nunca ouvi ninguém falar em encontro "online", "remoto", "a distância". Pelo contrário, a única urgência que se priorizava no cotidiano do Núcleo era a de alinhar as agendas de seus integrantes e assegurar que aqueles que constroem o espaço da graduação dentro do CUMA pudessem comparecer às reuniões e participar ativamente.

O caráter presencial e sensório-experiencial que constitui a pesquisa feita pelo CUMA também se materializa no Projeto Movências, que leva os estudantes do Núcleo a visitar espaços de circulação cultural e de preservação de memória. Essa parte importante das atividades do grupo de estudos e pesquisa proporciona o trânsito por espaços emblemáticos da cidade de Belém, como o Theatro da Paz, de nossas discussões e de nossos olhares compartilhados, que se voltam para o papel dos espaços de memória e de cultura amazônicas em nossas vivências como cidadãos nortistas e pesquisadores.

Já no fim dos primeiros dois meses e meio como integrante do CUMA pude fazer parte de uma das atividades mais desafiadoras e enriquecedoras no Núcleo: a produção do Seminário Anual de 2024. Cada autor ou grupo de autores de seus respectivos artigos, além de contribuir na construção do seminário, também teve um espaço para apresentar seus projetos de pesquisa em uma mesa da graduação. Lembro da professora Dia nos incentivando a encarar esse momento com a seriedade e a valorização que a oportunidade, inédita para muitos de nós, exigia. Ao fim de 2024, meu primeiro ano na graduação, o CUMA já havia me proporcionado momentos de amadurecimento, construção de autoconfiança e um novo olhar sobre o que seria trilhar um caminho na Universidade, especialmente como estudante de Licenciatura em Letras.

Minhas interações e presença no grupo podem ser tímidas, mas têm seu espaço, assim como a participação de cada estudante da graduação tem um lugar próprio na dinâmica coletiva do Núcleo. Por sua vez, a presença do grupo na minha trajetória acadêmica foi e continua sendo expressiva, já que o CUMA representou a porta de entrada para um campo fundamental de pesquisa e produção de conhecimento e práticas, isto é, as Poéticas da Oralidade e suas abordagens ímpares sobre o fenômeno da memória e do acontecimento da voz. Se um dia os meus caminhos e os desse grupo de pesquisa se desentrelaçarem dentro da academia, ficarão comigo as memórias vivificadas, as vozes que me guiaram pelos atalhos da experiência e novos contornos dados à pergunta que inicialmente me inquietava "o que significa fazer parte de um grupo de pesquisa? ".

Semovências e Permanências: o tempo da pesquisa sensível

Anos mais tarde, a porta de madeira ganharia uma flâmula bege, com retalhos costurados formando a sigla "CUMA". Naquela época, porém — dez anos atrás, para ser mais exata —, a porta ainda trazia uma pequena placa em tamanho de papel A4, onde se lia a identidade visual do grupo: CUMA. Foi por essa porta ainda despojada de símbolos que atravessei não apenas um espaço físico, mas um momento decisivo da minha formação. Eu ingressava no mestrado, orientada pela nossa fundadora[7] do CUMA, referência intelectual e coordenadora do Núcleo, a Matinta Bel, e com ela em uma forma de pesquisa que mudaria para sempre meus caminhos: a Educação Sensível, que desde o início se apresentava para além do método, era experiência vivida. O CUMA, naquele momento, foi convite ao tempo, à escuta e à convivência.

Diferente do que se costuma esperar, o mestrado foi leve. Não porque tenha sido desprovido de rigor, mas porque, no CUMA, nunca caminhamos sozinhos. Ali, aprendi que pesquisar é também dar as mãos a quem veio antes, reconhecer trajetórias, escutar percursos já trilhados e aceitar que o conhecimento não se constrói de maneira insular. O conceito de Educação Sensível, formulado por Bel Fares, não era apenas debatido: era vivido no cotidiano do Núcleo, outros pesquisadores e pesquisadoras do grupo também se debruçavam sobre esse conceito, cada pesquisa, a seu modo, tensionava, expandia e experimentava essa noção, fazendo com que ela se tornasse cada vez mais sólida e viva. O conceito não se fechava em uma definição única; ao contrário, ganhava corpo na

[7] Junto com Bel Fares O Núcleo de Culturas e Memórias Amazônicas foi fundado pelas professoras Renilda Bastos, Vasti Araújo e Venize Rodrigues.

diversidade dos objetos, das experiências e das escritas que se cruzavam. A sensibilidade se afirmava como horizonte comum em nossas pesquisas.

Foi também nesse percurso que passei a integrar o GRIOT, grupo de contadores de histórias do CUMA, idealizado e coordenado pela professora Dra. Renilda Bastos, essa experiência deslocou profundamente minha relação com a palavra. A palavra deixou de existir apenas na letra e passou a sair do corpo, sustentada pela voz e pelo silêncio. Entender como uma palavra cabe no meu corpo exigiu outra escuta e outro tempo; ensinou-me que a palavra dita carrega marcas, afetos e memórias que a letra, sozinha, nem sempre alcança. No GRIOT, compreendi que a voz é também forma de conhecimento e que dizer a palavra é gesto de presença e entrega a quem escuta.

Lembro do meu primeiro Seminário Anual do CUMA, naqueles dois dias entendi que o Seminário era o momento em que leituras, discussões e incertezas encontravam acolhida em um espaço no qual a experiência dos que já haviam passado pelo mesmo caminho não se impunha como modelo fechado, mas como gesto de cuidado. Nas mesas de debates havia sempre alguém disposto a escutar, a comentar um texto ainda em formação, a lembrar que a pesquisa também amadurece no tempo.

E como foi bonito esse caminho, cada dissertação defendida era uma festa. Os integrantes do Núcleo estavam sempre presentes e foi com muita alegria que, ao defender a minha dissertação — *Para tirar a poesia do Olimpo: poéticas amazônicas por uma Educação Sensível* —, vi nos olhos de Dia Favacho, Dani Lobato, Lívia Faro, Margareth Brasileiro, Patrícia Becker, Tereza Vasconcelos e Luciana Amoras (para citar apenas alguns nomes) algo que sinalizava não o encerramento de um trabalho individual, mas a existência de um percurso coletivo que seguia adiante. É comum que, depois da defesa, os vínculos com os grupos de pesquisa se afrouxem. O término do mestrado costuma funcionar como marco de passagem: novos projetos, outras instituições, diferentes movimentos. No meu caso, porém, a relação com o CUMA não se encerrou ali. Mesmo ao seguir para o doutorado em outra instituição e integrar outro grupo de pesquisa, permaneci no CUMA.

Permaneci. Porque o CUMA continuava sendo um lugar de escuta e elaboração, um espaço ao qual eu retornava para pensar, partilhar e aprender. A experiência em outros contextos acadêmicos, com novos referenciais e práticas de pesquisa, longe de me afastar, tornou ainda mais evidente a singularidade daquele Núcleo e o modo como ele havia marcado profundamente minha formação. E permanecer foi — e segue sendo — forma renovada de entrada. Viver esse Núcleo não é uma experiência pontual, circunscrita a um

período formativo ou a um projeto específico; é um acontecimento que se atualiza no tempo, um modo de viver a pesquisa que se reapresenta a cada encontro, a cada escuta, a cada escrita que se deixa atravessar. E como a gente foi e é feliz no CUMA. Tanta coisa, mas dessas vivências destaco duas:

Em 2019, vivemos um dos momentos mais intensos dessa trajetória coletiva: a organização do Seminário Brasileiro de Poéticas Orais, que acorreu no arquipélago do Marajó. Foi um evento construído por muitas mãos, numa equipe unida, em que cada detalhe carregava o desejo de fazer da pesquisa uma experiência viva. Entre travessias de barco, conversas demoradas e escutas partilhadas, experimentamos dias que ultrapassaram a dimensão acadêmica. Ali, teoria e território se encontraram de modo indissociável, e a Poética Oral para além de objeto de estudo era presença concreta, corpo, voz e comunidade. Foram dias que ainda ecoam como confirmação de que a pesquisa sensível se faz também em deslocamento, em convivência e em celebração.

No ano seguinte, 2020, fomos atravessados pela devastação da pandemia. O isolamento, o medo e as perdas nos atingiram profundamente. Ainda assim, decidimos realizar o seminário de forma remota. Não era apenas uma questão de calendário ou de continuidade institucional; era uma forma de nos sustentar. Reunir-nos, mesmo através das telas, tornou-se gesto de resistência e cuidado. E foi lendo *Companheiras,* de Eneida de Moraes, para os integrantes do CUMA que todos choramos, porque precisávamos trocar afetos, escutar nossas vozes, lembrar que permanecíamos. Se em 2019 o encontro se deu na travessia das águas do Marajó, em 2020 ele aconteceu na travessia do luto e da incerteza. Em ambos os casos, o que se reafirmava era a força do nosso coletivo.

No percurso de escrita da minha tese, sempre trazia comigo o modo CUMA de fazer pesquisa: escutar memórias, vozes, narrativas, textos e pessoas exige suspender a urgência de nomear, classificar ou concluir. Aprendi que a palavra teórica só ganha densidade quando aceita nascer depois da experiência, quando se deixa afetar pelo que escapa às categorias prontas. Essa aprendizagem atravessou minha escrita acadêmica e semoveu também a forma como passei a ler, a ensinar e a me relacionar com o conhecimento. Foi vivendo cotidianamente uma pesquisa que não separa rigor e sensibilidade, teoria e vida, escrita e escuta que pude escrever e defender uma tese sobre a Semovência[8].

[8] Conceito que trago em minha tese de doutorado sobre o movimento que há entre voz-letra-voz na poesia da Amazônia.

Não se trata, portanto, de um percurso apenas intelectual. O corpo também pesquisa. A voz, o cansaço, o silêncio e a emoção fazem parte do processo. No CUMA, a pesquisa nunca se apresentou como exercício de neutralidade absoluta, mas como prática implicada, em que o pesquisador é alguém que sente, se transforma e carrega marcas daquilo que escuta. Essa dimensão corporal da pesquisa, tantas vezes deslegitimada, sempre foi reconhecida como parte constitutiva do saber ali produzido.

Ao longo de quase dez anos de convivência, aprendi que um grupo de pesquisa não se define apenas por seus objetos, mas sobretudo pelo tipo de atenção que cultiva. O tempo ali é convocado a outro regime — para lembrar nossa coordenadora Dia Favacho, o regime crepuscular [9](!): o tempo de(vagar), [10]da maturação, da experiência que não se esgota no dado nem se reduz ao produto. Permanecer nesse grupo foi compreender, desde cedo, que pesquisar também é sustentar processos que não cabem nos calendários cartesianos. Permanecer em um grupo com essa orientação não é gesto isento de escolhas.

Quando concluí o doutorado, outra travessia se impôs: a maternidade. Foi também nesse momento que o cuidado do Núcleo se fez sentir de outra forma. Os integrantes do CUMA organizaram um chá de bebê para receber o Bem. Naquele período de suspensão, em que eu aprendia a ser mãe, vivi pela primeira vez a experiência de não participar ativamente da organização do seminário do grupo. Doeu. Doeu porque estar ali, ajudando a pensar, organizar e sustentar esse encontro, sempre foi parte do meu modo de pertencer. Ainda assim, fui ao seminário, com o Bem nos braços, para que meu filho pudesse conhecer o espaço que havia formado a mãe dele — como quem apresenta um pedaço da própria história.

Ser do CUMA transborda os limites do Núcleo e da pesquisa *stricto sensu*. Faz-se presente na docência, na relação com os alunos, na maneira de mediar leituras e de ouvir, no reconhecimento de que o conhecimento também se constrói no encontro. O CUMA não é apenas um espaço de passagem; e ficar é também assumir responsabilidades: zelar por um modo de pesquisar que resiste à pressa, questiona o produtivismo e afirma a experiência como dimensão legítima do conhecimento.

Nosso Núcleo CUMA tem essa identidade formativa que permanece em seus membros mesmo quando os projetos se encerram e os caminhos semovem. Depois de dez

[9] Conceito desenvolvido pela Dra. Dia Favacho em "Educação Sensível na voz de Calados: poesia e memória em regime crepuscular (2018).
[10] Maneira de dizer sobre o tempo que Dia Favacho tantas vezes me disse ou escreveu em tantas de nossas trocas.

anos, percebo que a pergunta inicial — o que significa fazer parte de um grupo de pesquisa? — já não se sustenta da mesma forma. Hoje, talvez a questão seja outra: o que muda em nós quando permanecemos? Ficar também é semover. É aceitar que a pesquisa, quando Sensível, nos transforma no mesmo movimento em que tentamos compreendê-la. O CUMA acolhe, forma e semove — e ensina que toda permanência verdadeira é também uma forma de movimento.

Referências

FAVACHO. Dia. **Educação Sensível na voz de Calados**: poesia e memória em regime crepuscular. Belém, Paka-Tatu, 2018.

PANTOJA, Roberta Isabelle. **A Semovência da poesia da Amazônia**. 2023. Orientador: Luís Heleno Montoril del Castilho. Tese - Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), Universidade Federal do Pará, 2023.

SOBRE AS AUTORAS

Naira Kamekran
Estudante de Letras Língua Portuguesa pela UEPA e integrante Núcleo de Pesquisa Culturas e Memórias Amazônicas (CUMA-UEPA).

E-mail: : nairakamekran@gmail.com

Roberta Isabelle Bonfim Pantoja
Doutor em Letras (UFPA). Mestre em Educação (UEPA). Licenciada em Letras (UEPA), Especialista em Língua Portuguesa e Análise Literária (UNAMA). Desenvolve pesquisas na área de Literatura da Amazônia, Poesia da Amazônia e poéticas orais. Tem experiência em pesquisa no ensino superior nas áreas de Letras e Educação na Amazônia. Com interesse nas áreas: poéticas orais, Ensino e Aprendizagem da Língua Portuguesa, Ensino e Aprendizagem da Literatura, Literatura da Amazônia, Literatura Comparada, Literatura e outras artes. Membro do Grupo de Pesquisa Makunaíma: Literatura, arte, cultura, história e sociedade na Amazônia, Brasil e América Latina do CNPq/PPGL/UFPA. Membro do Núcleo de Pesquisas e Memórias Amazônicas CUMA (UEPA). Integra o GT de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística- ANPOLL. Mediadora do grupo de Leitura Leia Mulheres Belém.

ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0741-4615
E-mail: isabellebpantoja@gmail.com

Recebido: 26/08/2024

Aprovado: 29/10/2014